

RECORDAÇÕES DE UM MESTRE

Rejubila-se nossa publicação com dedicar algumas páginas à evocação de uma das figuras mais significativas da vida cultural de nosso país, nos domínios da sua especialidade, a Geografia. Francis Ruellan (1895-1975) viveu cerca de quinze anos em nosso país, vinculado a duas grandes instituições científicas: a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e o Conselho Nacional de Geografia. Criou, no Rio de Janeiro, verdadeira escola geográfica, que realizou importantes trabalhos de pesquisa nas mais diversas regiões do país, sempre sob a orientação do mestre. Um de seus trabalhos mais importantes foi o reconhecimento geográfico para a estabelecimento da atual capital do Brasil. O responsável por esta publicação, que teve o privilégio de conhecer Ruellan, com ele mantendo alguma convivência, crê sinceramente ter sido muito feliz solicitando os depoimentos de duas de suas dedicadas discípulas e colaboradoras, ambas “recordando o mestre” e avivando a sua memória. ONM.

FRANCIS RUELLAN, MEU ÍDOLO

Cybelle de IPANEMA

Para o título, muita coisa havia a ser dita, mas opto por ligeira recordação de um homem-marca, no que imprimiu em seus alunos da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, Curso de Geografia e História, desmembrados, há muito, os “dois senhores” - a que se não podia servir ao mesmo tempo - e integrada a Geografia ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na história da Universidade brasileira, sobreleva a experiência pioneira de Anísio Teixeira, criando a UDF, Universidade do Distrito Federal, em 1935, na capital do país, o Rio de Janeiro/Distrito Federal. Pedro Ernesto, o prefeito. Grandes luminares da cultura brasileira foram convocados, como Alceu de Amoroso Lima, ao lado (aí o pioneirismo) de expoentes europeus de vários ramos do saber. Na História, Henri Hauser, Victor Tapié, Albertini.

Tempos difíceis de esquerda/direita, e a Universidade, só lembrada como “gloriosa”, foi extinta e substituída, em 1939, pela Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, então aglutinando as unidades já existentes: Faculdade de Medicina, Escola Politécnica (Engenharia) e poucas mais.

A Filosofia preparava professores secundários, isto é, para o magistério de nível médio que, auto-didaticamente, se tornavam pesquisadores, cientistas, e se lançavam no ensino superior. Não estava estruturada uma pós-graduação. Abarcava, praticamente, o leque de conhecimentos humanos, com seus Cursos de Letras (Clássicas, Néo-latinas e Anglo-germânicas), Geografia e História, Ciências Sociais, Filosofia, Química, Física, História Natural, Matemática, Desenho, Pedagogia.

Em recente reunião no IHGB, Antônio Houaiss, da única turma caderneta de anotações em punho, e zelando pelo material que nos entregava: barômetro, régua eclímetro, alidade e outros, tudo sob recibo.

Ao lado da Faculdade, era, respeitadíssimo, o orientador científico das tertúlias do Conselho Nacional de Geografia, um órgão que nascia, junto com o Conselho Nacional de Estatística, constituindo o IBGE. É a fase áurea do CNG, de Cristóvão Leite de Castro e o início da **Revista Brasileira de Geografia** (1º n. em jan./1939), do **Boletim Geográfico**, onde saíam as resenhas das tertúlias, e a série de publicações seriadas.

O pessoal que se ia formando na Faculdade passou a constituir os quadros do Conselho. Era um nune tutelar daquela plêiade que foi fazer a Geografia do Brasil.

Aliada à extraordinária competência e conhecimento dos problemas atinentes, o que muito me impressionava era sua capacidade de trabalho e organização. Era fanático, ao paroxismo, da ação. Ninguém podia parar e, a alguma reclamação, tinha sempre pronto, “C’est mon système”.

Ensinou-me Geografia e método - onde mais o louvo.

Nas excursões, culote, botas, perneiras, por causa das cobras, embornal, saco para colher rochas, caderno de notas, material sob sua guarda. “Tout en bas, avec tous les materiels”. “En route!”

Assim que iniciei o ano letivo, veio a excursão à Ilha do Governador - 11 de junho de 1944, domingo. Achei pesadíssima, mas depois soube que fora a impressão geral. Saltamos na Ribeira, da barca da Cantareira, único transporte (a ponte se inauguraria em 31 de janeiro de 1949) e marchamos a pé, atravessando a Ilha até o Galeão, subindo e descendo

morros, estrada de barro, fechando na Base Aérea, onde descansamos no fim da tarde (o almoço fora em caminho, sanduíches etc), que nos forneceu um transporte marítimo ao continente. Deveríamos ir à Penha, o que já não deu, pela hora.

Essa excursão, de larga aprendizagem, embasou seu trabalho clássico - com opositores, diga-se, como o também notável Alberto Ribeiro Lamego -: "Evolução geomorfológica da baía de Guanabara e das regiões vizinhas" (RBG, a. VI, n. 4, out.-dez./1944, p. 445-508). Sua tese, o afogamento da foz dos rios tributários da baía, uma concluinte pela Universidade do Distrito Federal, lembrou o que chamou de "batalha campal", travada pelos alunos, quando Gustavo Capanema resolveu "matar a UDF e criar a Faculdade Nacional de Filosofia".

Ao ingressar, em 1944, na FNFi, encontrei remanescentes da "Missão Francesa", tal o professor Antoine Bon, da Universidade de Montpellier, conservador do Museu de Atenas, responsável pela disciplina História Antiga.

Na Geografia, topamos com Francis Ruellan, chegado durante a guerra, em 1942, que contava em seu currículo ter sido assistente (ou paralelo) de Emmanuel de Martonne, o papa da Geomorfologia, e a tese sobre o Kwan-sai, uma província japonesa. Pelo volume, classificávamo-la, irreverentemente, de "tijolo".

As aulas eram na língua original e a Ruellan ficaram afetas Geografia Física e Geografia do Brasil. Cheguei a fazer pequena proeza. Ele falava muito depressa e eu conhecia taquigrafia. Tinha que, rápido, promover a conversão para português, a fim de lançar os caracteres no papel. Aliás, na Expedição de 47, citada adiante, ele ficava preocupado que eu logo traduzisse os rabiscos, pois ninguém poderia lê-los.

Essa transição brusca do ginásio/científico (eu fizera "normal", no Instituto de Educação, **heuresement**, curso de alto nível), para aulas em francês, obrigou-nos a estudos particulares da língua.

Ruellan era da Bretanha, segundo se dizia, de um francês mais arranhado, não fácil. Radicou-se com a família, madame Ruellan (Anette) e três filhos, entrosada ela e um deles, em nossas excursões.

Nunca dominou o português (ela, sim) e falava, quando fosse o caso, um enrolado com que nos acostumamos - Fulana era "uma meninã de muito bom vontade", por exemplo.

Trouxe a inovação da Geografia de campo, daí, as excursões periódicas de que nos encarregava, desde a contratação de ônibus ou

caminhões, às responsabilidades científicas em cada equipe. Eram as **secrétaires** das excursões. Sempre trabalhou com equipes de Geomorfologia, Biogeografia e Geografia Humana. Habitou-nos aos relatórios, fotos, permanentemente pela elevação do nível do mar, o que conferiria à Guanabara uma característica de “ria”.

Seu renome deu-lhe a chefia de uma das Expedições Geográficas (foram duas) da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, ordenada pelo presidente Dutra, em cumprimento ao artigo 4º das Disposições Transitórias da Constituição de 1946, e confiada ao gen. Djalma Polli Coelho.

Fui a secretária científica da Expedição, desenvolvida no Planalto Central, do Triângulo Mineiro à Chapada dos Veadeiros, no centro de Goiás, entre 27 de junho e 3 de setembro de 1947.

A **Notícia Bibliográfica e Histórica** (a. XXV, n. 152, out.-dez./1993, p. 289-292) publicou resumo desse extraordinário trabalho, pioneiro e desgastante, nas piores condições conjunturais e onde se pôs à prova a capacidade de organização e liderança de Francis Ruellan, consciente de que contribuía com a ciência para o encaminhamento de uma fundamental questão geopolítica do país.

Eu era Cybelle Bouyer (neta de francês) e isso, talvez, nos conferisse maior afinidade. Fui sua Auxiliar de Ensino, na Faculdade de Filosofia, e secretária, no Conselho Nacional de Geografia.

Na preocupação de aperfeiçoar seus alunos, conseguia-lhes Bolsas de Estudo para a França. Empenhava-se com o Adido Cultural, mme. Gabrielle Mineur, para a obtenção. Enviou muitos. Minha vez foi (seria), em 1949. Quase tudo formalizado, não quis trocar os preparativos de um casamento por uma estadia de um ano, na Sorbonne, longe, porém de Marcello de Ipanema.

As gerações modernas, se não usam a Geografia de campo, ignoram-no e se o fazem, ignoram o seu pioneirismo, a audácia de um homem que revolucionou os estudos geográficos no Brasil.

O último livro que publiquei, **Indicador da Ilha do Governador - I** (1993), que estava em provas quando se foi Marcello de Ipanema, era dedicado a Francis Ruellan (aos 18 anos de sua morte). Ao sair o livro, antecedi esta dedicatória de outra, a quem foi a minha alma.

Ruellan faleceu, diretor da Usine Marémotrice da França, em 1975, no início de outubro. Chegou a completar 80 anos. O Conselho

Nacional de Geografia mandou celebrar missa, na Igreja de N. S. do Bonsucesso, na Pça. Quinze. Nasceria em 30 de setembro de 1895 e acaba de passar o seu centenário. Que fiquem essas notas, com as de Mirian, como pequeno preito que consagramas à sua memória e para exemplo de novos trabalhadores da Geografia, de novos desbravadores de Brasil.

MEU PRIMEIRO MESTRE: Professor FRANCIS RUELLAN

Miridan Britto FALCI

Conheci o Prof. Francis Ruellan no Curso de especialização em geomorfologia., na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, onde fazia meu curso de História e Geografia. Corria o ano de 1954.

E tenho a grata recordação de ter trabalhado com ele por dois anos e ser a última aluna a fazê-lo antes de sua volta definitiva para a França, em 1956.

Ruellan designava uma aluna para ser sua secretária. Ela deveria anotar o que dizia, e escrever à máquina posteriormente o resumo da aula e tirar cópias no estêncil.

Com Ruellan aprendi todo o trabalho de uma secretária. Além das anotações e de ter aprendido a bater a máquina para fazer o seu trabalho, aprendi a dar telefonemas, (fale sempre com o chefe, dizia), ir ao correio para postar cartas e telegramas, organizar um fichário, etc. Além, é claro, dos trabalhos exclusivamente geográficos, como lavar areias, fazer os perfis e caminhamentos, etc.

Dava suas aulas falando bem devagar, em francês, dando alguns passos pela sala, ou lendo as anotações que trazia em folhas amarelas, ou ainda fazendo lindos desenhos de relevo geográfico ao quadro negro. Trajando uma camisa branca bem engomada mas sem gravata, o que não era usual dos professores da época, aparentava sempre uma fisionomia saudável, corada, de pessoa que gostava de apanhar sol. Não permitia que alunos conversassem ou fumassem e quando algum o queria fazer, ele chamava, carinhosamente, a atenção. Nunca chegou atrasado e nem permitiu que alunos entrassem atrasados após 5 minutos do início da

aula, em sua sala. Nunca, também, terminou suas aulas antes das duas horas para elas destinada.

Explicou-nos a evolução geomorfológica de várias formas de relevo assinalando os exemplares que possuímos no Brasil, como o relevo glacial de Itatiaia, com suas “morainas” (as grandes pedras trazidas pelas geleiras), a peneplanização (do planalto central) ou a formação da “ria de janeiro”, etc. Eram coisas novas, que nunca ouvíramos falar, ou ler. As aulas dadas em francês, eu as anotava em português, passando a limpo e pedindo-lhe para corrigir. Depois, no velho estêncil a álcool, tirava as cópias para os colegas.

Contratado pela Universidade do Brasil e pelo Conselho Nacional de Geografia, Ruellan estava há muito no Brasil tendo feito várias expedições geomorfológica descobrindo o nosso relevo, opinando sobre a localização e importância de muitos sítios, dando sugestões sobre a utilização de outros, etc.

Ruellan era extremamente disciplinado, tinha enorme capacidade de trabalho e fazia do grupo que orientava um verdadeiro grupo de trabalho. Mas se era exigentíssimo por um lado, sabia compensar a sua exigência. Todos os alunos que trabalharam com ele levou-os para realizar curso de especialização na França na Bretanha, onde dirigia um centro de pesquisas marinhas, em Dinard.

Em 1954 fez a primeira expedição geomorfológica no antigo Território Rio Branco, anual Roraima, expedição planejada em conjunto com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia dirigido por Artur César Ferreira Reis.

Nessa primeira expedição, além dos funcionários do C. N. G. e do INPA, participaram Ella Grinsztein, Maria Anita Carvalho, Gelson Rangel de Lima, como geógrafos - alunos da F.N.Fi. Foram selecionados não só pela idade, mas porque eram formandos em geografia e gostavam de trabalho de campo. Não fui selecionada ainda nesse ano pois, à época, não completara ainda os 18 anos. Mas no ano seguinte fui selecionada como secretária científica, que ele carinhosamente chamava de **secrétaire de misère** e parti com o grupo de direção e Ruellan para o Território do Rio Branco.

Partimos para Manaus no dia 27 de outubro de 195., o prof. Ruellan, o professor Heldio Lenz César, cartógrafo, Gelson Rangel de Lima, geógrafo já formado, a secretária francesa Yvone Beigbedder, os colegas da Faculdade, Fernando Moretzohn de Andrade e Nelly de Mendonça Furtado.

Lá encontramos com os outros membros do grande grupo da expedição e iniciamos a expedição partindo em avião da FAB para Surumu.

Ruellan organizara a expedição como aprendera na Grande Guerra: pequenas equipes de trabalho, com tarefas pré-determinadas. Cada grupo ficava encarregado de caminhar num trecho mas, em certa ocasião, o grupo 1 se encontraria na fazenda Solidão com o grupo 2; este se encontraria com o grupo quatro na fazenda Esteves e assim, todos os grupos, se entre cruzariam e cobririam a região banhada pelo Cotingo, habitada pelos ianomamis e fronteira à Venezuela. Havia fotógrafos do Conselho Nacional de Geografia, encarregados do levantamento topográfico, do levantamento de espécies animais e botânica, do Museu Goeldi e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, encarregados dos caminhamentos, encarregados da coleta das amostras em pedra ou areias.

Andávamos a cavalo durante todo o dia parando entre 11 e 13 hs. para o almoço, composto de carne de sol, farinha, latas de embutidos abertas, goiabada, bolachas, e água fresca de um riacho ao lado. Por volta das 17 horas acampávamos em uma fazenda, do lado de fora. Lavávamos a roupa no riacho, fazíamos o lanche da noite: nescau, torradas com goiabada, novamente salsichas enlatadas, etc. No dia seguinte, acordávamos às 5 horas e às 7. estávamos "en route". Um mês de viagem. De volta, o preparo do relatório que durava um ano inteiro, pelas análises do material feito no Departamento de Produção Mineral, pelos perfis, pela parte escrita ditada por Ruellan, pela tradução do texto para o português.

Em dezembro de 1955 Ruellan pediu a Artur César Ferreira Reis a minha admissão ao Instituto de Pesquisas da Amazônia como auxiliar de laboratório, meu primeiro emprego, e onde fiquei 5 anos até me demitir.

Trabalhei com o mesmo durante todo 1956 e guardo, com saudades, o dia em que partiu.

Formou um enorme grupo de geógrafos no Brasil.

A ele, nesse ano do centenário de seu nascimento, dedico estas palavras de agradecimento, onde estiver, pelo que me ensinou de secretária, de trabalho de campo, pelo desenvolvimento em mim do espírito de pesquisa e método